

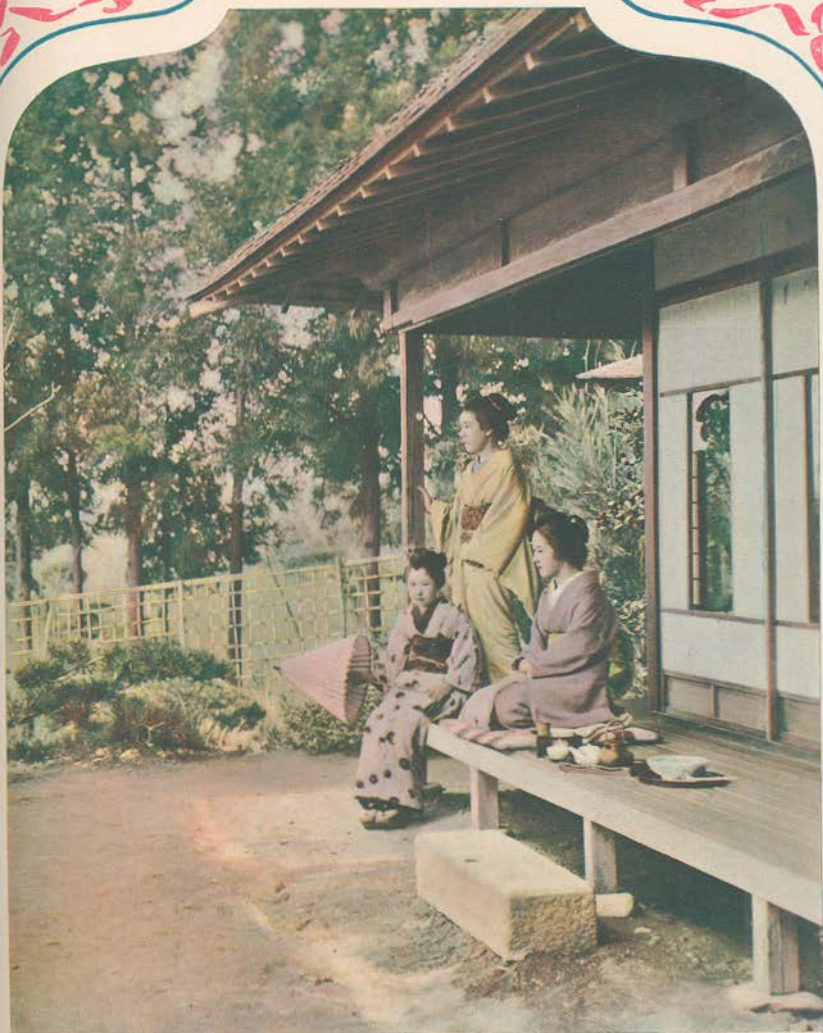
Illustração PORTUGUEZA

DIRECTOR: **CARLOS MALHEIRO DIAS**
DIRECTOR ARTISTICO: **FRANCISCO TEIXEIRA**

PROPRIEDADE DE
J. J. DA SILVA BRAGA

Redacção, Admini-
stração e Officinas de
Composição e Im-
pressão

Rua Formosa, 41-CT1580M



UMA CASA DE CHÁ NO JAPÃO

Assignatura da "Illustração Portuguesa" para Portugal, colonias e Hespanha

Por anno.....	4\$800 réis
" semestre.....	2\$400 "
" trimestre.....	1\$200 "

Assignatura conjunta do "Seculo", "Supplemento Humoristico do Seculo" e da "Illustração Portuguesa"

Portugal, colonias e Hespanha

Por anno.....	8\$000 réis
" semestre.....	4\$000 "
" trimestre.....	2\$000 "
" mez (em Lisboa).....	700 "



Melo seculo de successo

ESTOMAGO

O Elixir do D^r Mialhe

de pepsina concentrada faz digerir tudo rapidamente
GASTRALGIAS, DYSPEPSIAS.

A' venda em todas as Pharmacias de Portugal et do Brazil
Pharmacie MIALHE, 8, rue Favart, Paris

Agencia de  VIAGENS

Ernst George

SUCCESSORES

VENDA DE BILHETES DE PASSAGEM EM VAPORES E CAMINHOS DE FERRO
PARA TODAS AS PARTES DO MUNDO
SEM AUGMENTO NOS PREÇOS. VIAGENS CIRCULATORIAS A PREÇOS REDUZIDOS
NA FRANÇA, ITALIA, SUISSA, ALLEMANHA, AUSTRIA, ETC.

Viagens ao Egypto e no Nilo.
Viagens de recreio no Mediterraneo e ao Cabo Norte

Cheques de viagem, substituindo vantajosamente as cartas de credito.
Cheques para hotéis.

Rua Bella da Rainha, 8—LISBOA

Viagens baratissimas
á TERRA SANTA

Para encadernar a

ILLUSTRAÇÃO

PORTUGUEZA

Já estão á venda bonitas capas em percaline de phantasia para encadernar o primeiro semestre d'este anno da *Illustração Portuguesa*.

PREÇO 360 RÉIS

Enviem-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde

ser remetida em vale do correio ou sellos em carta registrada. Cada capa vae acompanhada do indice e frontespicios respectivos.

Administração do **SEculo**

LISBOA

PARFUM POMPEIA		L. T. PIVER PARIS
-------------------	---	----------------------

LOÇÃO DEQUEANT

CABELLO BARBA PESTANAS SOBRANCELHAS
Unico producto scientifico apresentado no *Academia de Medicina de Paris* contra o murtorio de Calvie e todas as affecções do couro cabeludo
L. DEQUEANT, Pharmaciairo, 38, Rue Clignancourt, Paris
Em LISBOA, 15, Rua dos Zapateiros, a quem se dirigir para todas as informações gratuitas
A' VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DO PORTUGAL

Carcassone

Il ne faut pas mourir sans avoir vu Carcassone

Quem quiser tomar um banho de feudalismo e realizar, antes do banho, o mais lindo passeio de tres horas que alguém possa dar, faz o seguinte: larga de Vernet, pela manhã, n'um automovel; galga uma região montanhosa sobranceira á parte mais bella dos Pyreneus; entra no tetrico desfiladeiro de Pierre-Luys, estreito e profundo, cuja entrada infernal lembra uma gravura de Doré; aproveita a occasião para ter uma sensação forte e, acabado o pesadelo dan-

tesco, corta zunindo uma grande varzea fertilissima, ao cabo da qual, por entre as arvores que ladeiam o caminho, lhe apparece de repente, n'um alto, uma fortaleza de muralhas gigantescas bordadas de ameias, que, o tempo crestou, e dominada por numerosas torres, cujos telhados de ardósia brillam imponentemente na luz plena do dia: Carcassone!

Carcassone é a mais suggestiva resurreição da feudalidade militar e Viollet-Le-Duc affirmava não existir na Europa um conjunto tão formidavel e tão completo de defezas dos seculos XI, XII e XIII, um campo de estudo tão interessante e uma situação mais pittoresca.

Eu já a co-



As torres sul do castello



1—A caminho de Carcassone: a entrada do desfiladeiro de Pierre-Luis.

3—As gargantas de S. Jorge sobre o rio Aude

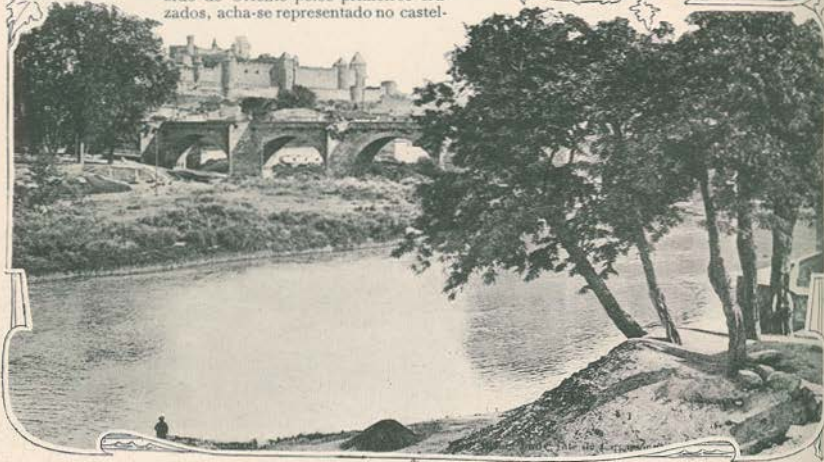
4—A cidade de Carcassone vista da margem direita do Aude

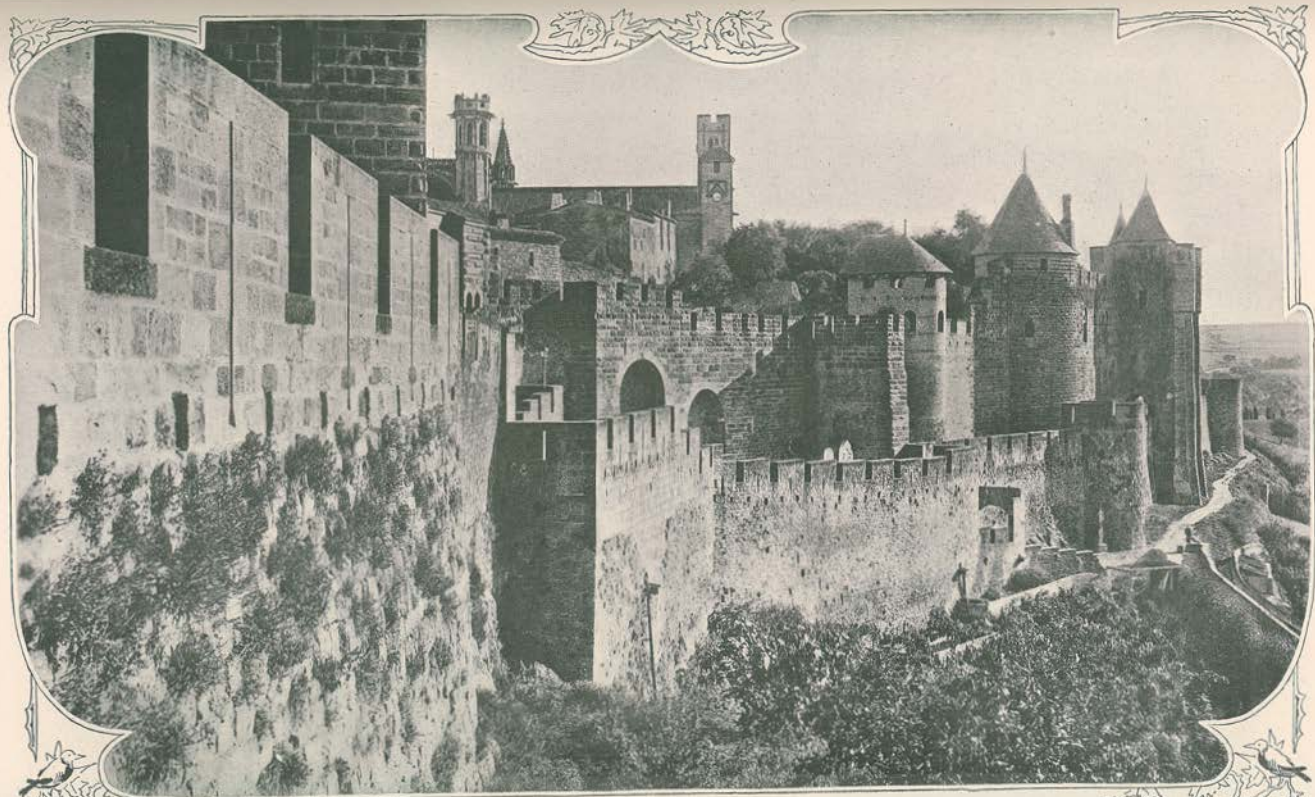


nhacia de bilhetes postaes e dos cinematographos e, comtudo, quando a visitei, a impressão que recebi foi enorme. Para mais, acompanhou-nos na visita um erudito membro do *Syndicat d'initiative de Carcassone et de l'Aude*, que, com a sua vasta bigodeira de gaules e a sua facundia meridional, nos fez evocar todos os povos que successivamente conquistaram e defenderam a velha cidade, desde a occupação romana até ao seculo XIV.

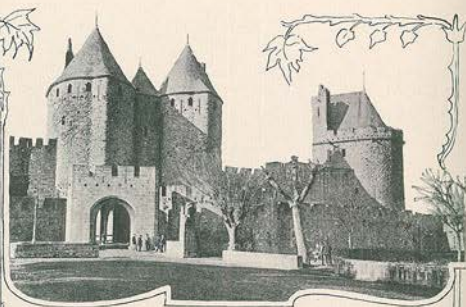
N'essa evocação tremenda os visigodos, os romanos os francos, os serracenos, perpassavam esfumados e gloriosos na nossa imaginação, como os soldados da Epopeia no quadro *Le Réve*, de Eduar-do Detaille.

A permanencia de cada uma d'essas raças guerreiras está, de facto, assignalada n'aquellas muralhas: os pedregulhos toscos da base unidos sem cimento constituem o *apparelho romano*; reconhece-se o *apparelho visigodo* nas pequenas pedras rectangulares de 10 a 12 centimetros de lado, que alternam com filas de tijolos dispostos quer horizontalmente quer obliquamente, em espinha de peixe; o *apparelho feudal*, lembrando o typo bysantino trazido do Oriente pelos primeiros cruzados, acha-se representado no castel-





A porta do Aude na cidadella

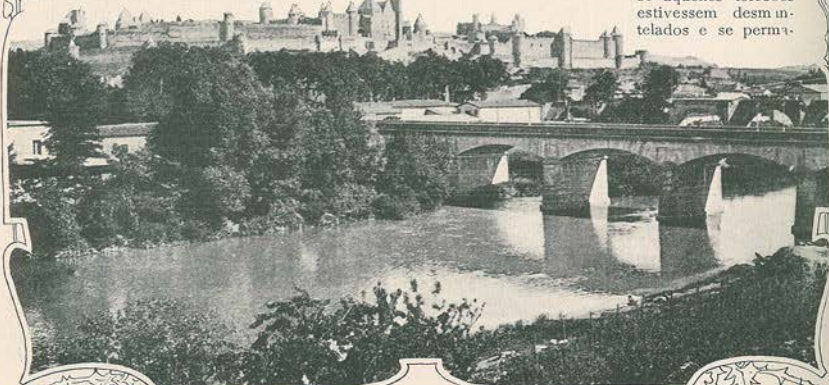


lo condal. Devo dizer que, a partir do século XIII, no reinado de S. Luiz, as pedras rectangulares apresentam maiores dimensões, e que com Philippe, o *Audaz*, apparecem nas pedras aquellas saliências chamadas bossagens rusticas.

Ao mesmo tempo que nos apontava estes detalhes, o nosso amavel *cicerone* ia contando as sangrentas façanhas de Simão de Monforte e as suas luctas com Raymundo de Trencavel, senhor de Carcasone, obrigando-nos positivamente a assistir ao tropel da peonagem do conde de Monforte arremettendo—como n'um quadro de Boutet de Monvel—pelas escadas de assalto e, no meio do reboliço, levado na onda, o vulto

scintillante de algum homem d'armas agitando convulsamente uma auriflamma esfarrapada...

Em Carcasone, o trabalho da imaginação é fortemente coadjuvado pela intelligente reconstrução delineada por Viollet-Le-Duc, porque o nosso espirito encontra assim uma *mise-en-scène* mais perfeita e suggestiva do que se aquelles torredões estivessem desmuntelados e se perma-



1—A porta do Sénéchal. 2—A porta de Narbonne. 3—As torres do Moinho e Mipadre. 4—Carcassonne vista da ponte sobre o Aude.



1—Carcassonne vista do nordeste. 2—A torre da Justiça

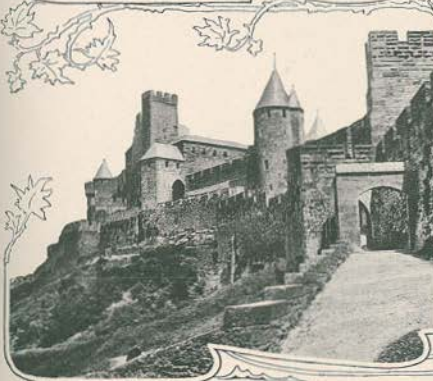


nessessem esbarrondadas as velhas muralhas. Como a certa altura passassem por nós dois velhotes conduzindo uma longa escada de mão, o nosso companheiro aventou, risonhamente, que seriam talvez guerreiros de Simão de Montforte preparando uma assaltada.

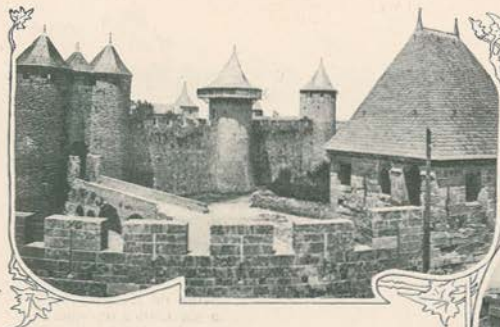
Pareceram-me dois pobres diabos.



Como succede com a origem de quasi todas as coisas d'este mundo, a origem da cidade de Carcassonne perde-se na noite dos tempos. Simples *oppidum* gaulez, mais tarde *castellum* romano, torna-se fortaleza visigoda com a conquista de Theodorico. Os Mouros da Península tomam-na em 725, augmentam as suas defezas, depois abandonam-na, expulsos de França por Pepino o Breve, que não era para graças; estabelece-se o regimen feudal, e sob a dynastia poderosa dos viscondes de Trencavel, a cidade vive n'uma paz relativa até á cruzada dos Albigenses. Estes tinham á sua frente Raymundo de Trencavel, conde de Toulouse, duque de Narbonne, marquez de Provença, notavel pelas suas desavenças com a Santa



3—A porta do Aude. 4—A torre da Inquisição



decãe da sua antiga importancia militar; d'ahi por deante os seus muros começam insensivelmente a arruinar-se e ninguem pensa na sua conservaçaõ até que, em 1835, Mémirée inicia uma campanha para pedir, em attençãõ á gloria passada que encarnam, o relevantamento d'aquelles torreões e d'aquellas lindas



Sé, excommungado duas vezes por favorecer a heresia dos catharos. Simão de Monforte, cognominado o Machaben do seu seculo, que tomára parte na quarta cruzada prégada por Fouiques de Neuilly, foi eleito em 1208, pelos barões feudaes, chefe da cruzada formada em França contra os albigenes. Distinguiu-se n'essa guerra pela sua coragem e ferocidade. Em 1209 tomou Béziers, onde ordenou a matança de 60:000 hc mens, e, em seguida, muito fresco, foi pôr cerco a Carcassone.

Diz-se que no final d'esse rijo cerco (isto talvez não se devesse contar) os sitiados, que pretendiam obrigar os albigenes a renderem-se pela fome, viram com admiração apparecer ostensivamente, por entre as ameias, faces exuberantes e anafadas... de cyclopes. No seu bom humor, os sitiados, tomando uma postura permittida na arte apenas á Venus Callipygia e na litteratura portugueza ao Bocage, queriam demonstrar, patenteando ao inimigo bochechas bem carnudas, que lá dentro se alimentavam copiosamente e tinham viveres em barda...

Em meia dos seculo XVII, com a reuniãõ do Roussillon á França, Carcassone perde a sua qualidade de cidade fronteira e



- 1—O castello feudal.
- 2—As muralhas da cidade
- 3—As arenas de torneio
- 4—As muralhas de Carcassone em frente ao rio

murallas. Em pleno movimento românico, Viollet-le-Duc foi encarregado da sua restauração completa; e hoje Carcassone ergue-se de novo intacta no formidável ericamento das suas cincoenta torres.

Está ali uma maravilha histórica, única no mundo; sobre ella diz muito justamente uma velha canção:

Il ne faut pas mourir sans avoir vu Carcassone.

Mas, basta de dissertação histórica — não vá, como castigo, nascer-me uma incommoda bigodeira gauleza de membro do Syndicato de Carcassone ou pegar-se-me o infame passapinho de Alexandre Herculano!

Para os que desejem soffregamente mais esclarecimentos sobre este assumpto citarei ain-



da aqui o Diccionario de Geographia Universal, publicado em Lisboa por uma sociedade de homens de sciencia. Esta pesadissima obra, que dedica nove succulentas linhas á povoação de Cacilhas, emprega igual porção de texto descrevendo Carcassone, e diz exactamente o seguinte:

Carcassone. Capital do departamento de Aude (França), a 923 kilom. de Paris, 23:644 habit. Tribunal de 1.ª instancia e de commercio, camara e bolsa commercaes, tribunal maritimo, bisp., collegio communal, bibliotheca de 50:000 volumes. Passa-lhe pelo meio o canal de Carcassone. Numerosas fabricas de pannos, cobertores e meias de lã. Exportação de pannos para os portos do Levante e para as Indias. Commercio consideravel principalmente de fructos, especiarias, cereaes, vinhos, couros. Est. de caminho de ferro.

E ficam já fazendo uma substanciosa ideia de Carcassone, dos seus coiros e das suas meias de lã!

Se aquella Sociedade recreativa commettesse um diccionario de historia universal, seguindo a sua orientação simplificada deveria escrever, por exemplo, de Napoleão:

—Imper. franc., nascido em Ajaccio, filho d'um advogado. Pequena estatura, botas altas. Foi casado duas vezes e veiu a morrer d'um cancro em 1821. Teve um cavallo branco que ficou celebre.

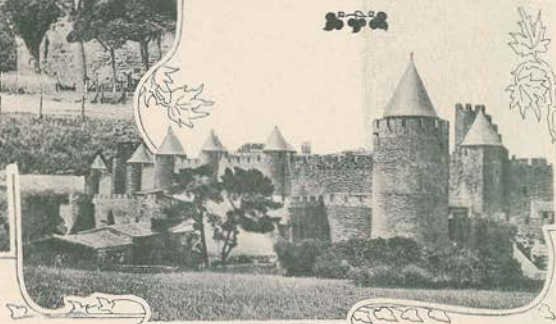
Voilà tout!

P. S. — Façam favor de não morrer sem ter visto Carcassone.

JORGE CID.



1—A torre do Bispo
2—A porta de Narbonne
3—A torre de Vade



O MYSTERIO DE CASCAES

No dia 19 de outubro foi descoberto no sítio da Mixilhoeira, perto da Bôcca do Inferno, em Cascaes, o cadaver de um homem que a policia apurou ser Manuel Nunes Pedro, suspeito de cumplicidade no desaparecimento de alguns milhares de cargas de revolver, facto noticiado a seu tempo em todos os jornaes. Perseguido pela policia havia tempos, a morte de Manuel Nunes Pe-



1—Manuel Nunes Pedro, victima do mysterioso crime de Cascaes (Cliché de BUNOLIKL)

cidio, e no dia 24 era preso em Villar Formoso Domingos Fernandes Guimarães, indigitado como sendo o assassino, o que até agora não foi possível apurar. As circumstancias mysteriosas em que se deu o crime e a sua ligação com o roubo das balas, cujo paradeiro até hoje se ignora, tem dado logar ás mais variadas supposições. Na previsão de revelações sensacionaes a que o crime de Cascaes pôde dar logar, a *Ilustração Portuguesa* archiva nas suas paginas os mais importantes documentos graphicos que lhe dizem respeito.



- 2—O local onde foi encontrado o cadaver, nas proximidades da Bôcca do Inferno, em Cascaes (Cliché LIMA)
 3—Domingos Fernandes Guimarães, o supposto assassino — (Phot. ACHILLES)
 4—O assassinado na Morgue (Cliché LIMA)

dro pode parecer a principio um suicidio. Contudo, os papeis que se lhe encontraram parecem ter levado a policia á convicção de um homi-



PSYCHOLOGIA DA MULHER JAPONESA



飯
食
時

三人
食
時

三人食時

Quando M. Se-ward, amigo e conselheiro do presidente Lincoln, o ministro que dirigiu a America no meio das tempestades da guerra civil, tendo percorrido o Japão, a China, a India e o Egypto, chegou a Paris, alguém lhe perguntou qual foi a coisa que mais o impressionara nas suas viagens, ao que elle respondeu:

—Vi mais de perto o plano da Providencia.
Resposta d'um philosopho, que, na diversidade apparente das nações, tinha encontrado por toda a parte a unidade essencial do genero humano, da mesma maneira que um botanico na infinita variedade das plantas descobre a acção d'uma lei, ou a obra do pensamento divino.

Hoje não se é nem escriptor, nem philosopho, nem critico, quando nos circumscrevemos a um só paiz. E' preciso sahir das suas fronteiras acanhadas e abraçar um mais vasto horizonte. Approximando-nos, o mundo diminue, mas o espirito humano engrandece.

O que outr'ora era tido como o mundo civilizado, hoje está passando por uma nova phase inteiramente differente.

O antigo Oriente entregou-nos os seus segredos; pertencem-nos. E' a conquista da erudição, e essa faz-se pelas viagens, pela approximação dos povos, que ha tanto tempo estavam vedados á nossa curiosidade. O mundo não tem mais mysterios.

A evolução dos povos faz-se em todos os ramos; nenhum se furta ás re-



三人
読
書

1—Um jantar intimo
2—Meninas pertencentes á aristocracia japonesa

voluções, quer políticas, quer sociaes, quer intellectuaes, e o que melhor exemplo nos dá d'ella nos tempos modernos é sem duvida o Japão, esse paiz cheio de tradições e de lendas encantadoras, de mudanças rapidas no seu modo de ser, transformando-se por completo.

Tomemos uma d'essas evoluções mais sympathicas—a da mulher japoneza—e estudemola no que foi e no que é.

A mulher japoneza resume em si um problema de inexplicavel solução. Se no Occidente ella é o centro d'um circulo, aonde gravita a familia, no Oriente é o elemento essencial e indispensavel para a existencia da familia, ficando para o homem o papel de continuador d'uma nova descendencia, á qual transmittirá o nome immorredouro dos seus antepassados.

De todos os paizes do Oriente, o Japão é aquelle em que a situação da mulher é menos odiosa, sendo no emtanto muito inferior á da mulher do Occidente.

Entre nós, collocamos a mulher n'um throno ideal; rodeamola d'uma aureola de

西見集
西見集



西見集
西見集



1—Dama japoneza em toilette de baile á europæa
2—Musumê em toilette de inverno

altar impolluto, onde morrem lentamente os últimos lampeços das nossas santas illusões da mocidade, ultimo grão d'incenso que perfuma as nossas existencias, já vãsias d'enthusiasmo.

A mulher é o nosso ultimo sonho, a nossa religião; e ficamos maravilhados, quando, nas nossas viagens, encontramos por terra este idolo, quando vemos murchar a flôr sem o menor perfume, humilde escrava da nossa sexualidade.

Assim, ficamos cheios de surpresa, quando em outros povos descobrimos a tæla, na

qual a nossa imaginação de *touriste* apaixonado sonhava vêr impressos os maravilhosos desenhos da mulher amada, e encontramos, em seu lugar, um esboço ligeiro do ente que, por vezes, é considerado como uma cousa gasta, que é preciso substituir.

poesia, que nos resta ainda neste seculo burguez de tendeiros enriquecidos; elevamol-a ao vertice d'um





Musumés passeando de noite nas ruas de Tokio



1—Gueisha tocando o kotto, o biva e o *chamisen*.
 2—Dama da aristocracia japonesa, distinguindo-se pelas duas rosetas que tem na frente do kimono á altura do peito.
 3—Musumés preparando-se para fumar.

Deixemos a "sociedade do Occidente, e, investigadores do desconhecido, colloquemo-nos face a face com a lucta ancestral, tendo debaixo dos olhos as silhouettes das nossas rainhas mundanas, das nossas actrizes encantadoras, das nossas virgens, puras, lyrios desabrochados em dôce manhã d'abril.

O dogma budhista recusa á mulher uma alma; ella é a incarnação do principio do mal; é o elemento dissolvente e destruidor.

Considerada como tal, é uma escrava, uma unica lei governa a sua alma—a obediencia.

Solteira, deve obedecer a seu pae; casada, obedece a seu marido e aos parentes de seu marido; viuva, obedece a seu filho. Do berço ao tumulo a mulher japoneza é escrava do homem. Aqui a autocracia masculina é absoluta.

O japonéz tem uma theoria muito simples

上
下
左
右
前
後



上
下
左
右
前
後



sobre os principios que devem reger as relações entre os dois sexos: nada dever, exigir tudo.

Como a japoneza não falta uma aguda intelligencia, exerce algumas vezes a sua superioridade intellectual sobre o marido, mas isso é raro. Depois, o japonéz tem o nariz de tal modo achatado, que é difficil servir-se d'este orgão como meio de tração, caso a mulher queira utilizar-se d'elle para lhe ensinar o caminho a seguir.

E' por uma especie de dominio do homem para com a mulher que, nas classes elevadas, ella recebe uma educação muito inferior á do homem, e por vezes inferior á da mulher da classe média: lêr, escrever, tocar *chamisen* (guitarra), dançar e arranjar flôres com gosto, taes são os conhecimentos que devem formar a educação d'uma menina.

Mas ella *vae-se* achando mal com aquelles ensinamentos, *vae* conhecendo a sua intelligencia e o producto que d'ella pôde tirar. A musica, a pintura, a poesia, as artes decorativas envaldecem-na, e com os raros dotes de intelligencia que as distingue, tomam-se celebres, umas na

1—Uma gueisha natural de Yokoama

2—Uma gueisha natural de Nagasaki

musica como Hori-Kawa; outras na pintura como Mura-Saki; outras na poesia como Naga-Haru; outras no theatro como Sada-Yacco.

Que abysmo separa ainda a nossa civilização da civilização japoneza, de baixo do ponto de vista da psychologia feminina!

E' pelo logar que a mulher occupa na sociedade que se avalia a altura intellectual d'um povo. No Occidente esse criterio marca 100 graus no thermometro da sociologia; no Japão fica invariavelmente a zero.

As vossas infelizes irmãs do Oriente, occidentaes, morrem sem ter sido nem amantes, nem esposas, nem mães, pelo menos segundo a accepção em que tomamos esses termos. Porque, como amantes, não são consideradas como eguaes pelo amante. E existe por ventura o amor n'um paiz aonde se nega a egualdade moral entre o homem e a mulher?

Porque, esposas, não tem o direito de entrar no pequeno conselho do seu *ménage*, que cada marido tem na sua alcova.

Porque, mães, não tem influencia alguma no futuro dos filhos.

Seres de função e de prazer, as japonezas vivem n'uma constante escravidão.

Sentem-n'o? Ou, antes, são ellas mais infelizes por isso?

Não.

No campo, a mulher japoneza conserva uma certa preponderancia muito mais elevada no seio da familia, do que a da cidade.

O seu conselho é tomado para tudo; não compartilha do tecto conjugal com outra mulher; educa os



filhos; é tratada como uma filha mais velha, com auctoridade e doçura. Assemelha-se á nossa mulher do campo.

Um dos estudos mais curiosos a fazer é o d'uma japoneza que vive com um europeu.

Na maioria dos casos, assim como um europeu se afeiçoa ao solo japonês, assim também se apaixonou pela mulher com quem vive.

A japoneza apodera-se d'elle mais pelos sentidos do que pelos habitos: acaricia-o, adora-o, satisfaz-lhe todos os pequenos desejos, que, sempre satisfeitos, constituem para a maior parte dos homens a sua maior felicidade. O europeu julga-se feliz como um velhote que casa com a sua cozinheira. O que falta á mulher japoneza, a serva submissa e previdente o faz esquecer. Por outro lado, a mulher japoneza despreza o europeu, porque elle a considera uma mulher e a respeita como tal. A japoneza zomba do europeu, porque elle emprega uma certa galanteria nas suas relações com uma mulher, que, apesar de asiatica, não pode habituar-se a encalar-a como um objecto sem valor.

Este raciocínio muito simples estabeleceu no cerebro embryonario da japoneza: «Os nossos paes, os nossos maridos tratam-nos como escravas, como animaes sem livre arbitrio. Se os europeus nos respeitam e consideram, é porque são inferiores aos japonezes.»

Todavia, no Japão, como em todos os outros paizes, ha mulheres d'uma intelligencia e d'uma energia pouco vulgares, ou então maridos muito fracos de caracter e de intelligencia. Quan-



婦高母 節仲田半臨聖御

1—O cumprimento da japoneza
2—Uma toilette europaea:
Japoneza, no começo da evolução da mulher japoneza

3—Cumprimento da japoneza





Musumés em casa d'un photographo



1—Um typo de beleza japoneza
2— Estudando a sua lição de piano.



4—Os doze annos de uma japoneza rica



do isso se encontra, bem que os maridos não vistam calças, são as mulheres que as vestem.

Escrava dos preceitos da religião, vai hoje desprezando aquelles que a tornavam inferiores ás suas irmãs do Occidente, entrando d'este modo no gran-

Estudou a pedagogia, abriu collegios, e fez-se preceptora de todos os ramos dos conhecimentos que bebeu no Occidente para os disseminar pelas suas irmãs do Oriente.

Fez-se a companheria fiel de seu marido, a educadora assidua de seus filhos, inculcindo-lhes o amor da patria e da familia, com uma sublimidade tal que faz a admiração do mundo inteiro.

Ha contradicção na educação da mulher de hoje e na dos tempos medievaes, mas essa contradicção não se oppõe á razão e á natureza. Os limites da educação da mulher, a sua escravidão para com o marido e parentes d'elle, a interdicção do casamento da viuva, são hoje uma tenue sombra do que foram out'ora.

Os japonezes voltaram aos tempos antigos

antes da introdução do budhismo e do confucianismo, em que havia a egualdade entre o homem e a mulher.

N'esta rapida evolução ha uma cousa que nunca perderam, antes a tem conservado, atravez de todas as gerações: é o espirito de lealdade e de patriotismo, que os distingue, inculcidos pelas mães a seus filhos, desde o berço até á sua emancipação.

São estas duas virtudes a origem da sua bravura e do seu heroismo, fonte de todas as acções honrosas, e a razão de tudo o que os seus filhos fizeram nos aridos campos da Manchuria.

E' isto o que a mulher japoneza tem, como que de reserva, para o grande futuro do seu paiz.

DR. GONÇALVES PEREIRA.



- 1—Uma creada japoneza.
- 2—A *faissette* de baile de uma japoneza vestindo á européa.
- 3—Creada de um hotel recebendo as ordens do seu hospede

de convívio do mundo civilizado.

Que importa que Budha diga que a mulher não gosará das recompensas prometidas ao sabio?

Que importa que Confucio tenha a mulher como um animal desagradavel, do qual nos não devemos approximar, para se não tornar muito familiar, nem afastar-o de nós, porque procuraríamos fazer-nos mal?

Que importa que o japonez diga que para ter uma mulher prestavel é preciso fazer o que se faz para ter os *talanis* (esteiras, sempre brancos — mudal-os a meudo)?

Se ella, desprezando tudo isso, vai seguindo a evolução do seu paiz, deixando de ser a machina para ir occupar um logar mais elevado na hierarchia social?

Emancipou-se, ou emigrando para estudar no estrangeiro todos os ramos de conhecimentos humanos, ou abandonando o *kimono* e o *chamisen* para entrar na sociedade estrangeira no seu paiz.

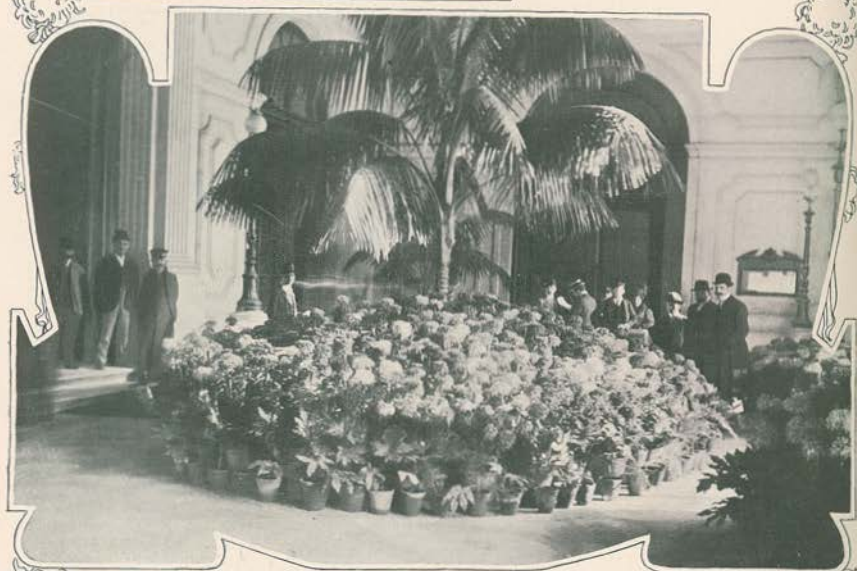
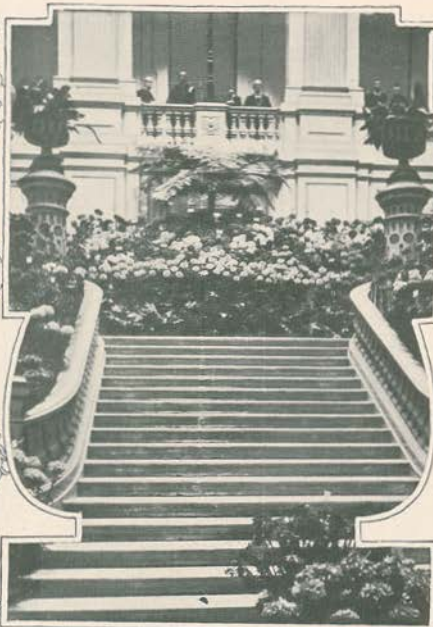
Vestiu o uniforme de enfermeira e foi tratar dos doentes e feridos nos hospitaes e ambulancias.

A-EXPOSIÇÃO-DE- -CHRYSANTHEMOS

NA-CÂMARA-
MUNICIPAL.

Como nos demais annos, a Camara Municipal de Lisboa expôz no atrio e na escadaria do palacio do Pelourinho as principaes variedades e os melhores exemplares de chrysanthemos obtidos nos seus viveiros e parques de floricultura. Como sempre, a exposição interessou vivamente os amadores da magnifica flôr de inverno, que attingiu na Europa, mercê de dedi-

cações e sollicitudes prodigiosas, a rara belleza que alcançara no Japão. Da primitiva pequena flôr amarella os jardineiros fizeram as enormes flôres modernas, que abrangem toda a escola multipla das côres nos seus *capitulos* robustos. Na exposição d'este anno viam-se alguns especimens notaveis pela sua formosura, destacando-se pelo brilho da côr e a delicadeza e disposição das *ligulas* o chrysanthemo *Illustração Portugueza*, obtido em 1907 pelo insigne botânico sr. H. Cayeux.



1—Aspecto da escadaria da Camara Municipal. 2—O atrio

(Clichés de BENOIRTEL)



A saída do sr. conselheiro Francisco de Medeiros do ministerio para que tão instantemente fora sollicitado a entrar, quando da formação, em maio, do gabinete do sr. conselheiro Wenceslau de Lima, veio alterar profundamente o equilibrio instavel da politica portugueza. Todos se lembram de que, convidado pela segunda vez para organizar ministerio, o sr. conselheiro Wenceslau de Lima só conseguiu corresponder á confiança da corôa alliando-se ostensivamente com os elementos do bloco, constituido pe'o partido regenerador e pelo partido progressista dissidente, que representam a esquerda liberal da monarchia. Foi como se sabe o conflicto com o sr. bispo de Beja, que originou a presente crise ministerial. Como sua consequencia, o bloco desligou-se do governo. A um declarado apoio substituiu-se uma intransigente hostilidade. O governo, que tinha por seu lado toda a imprensa liberal, encontrou-se de repente perante uma campanha jornalística accessa, e obrigado a recuar, por um instincto de defeza, para entre os partidos e grupos conservadores. Assim a politica portugueza entra de novo n'um periodo de lucta, quando tudo aconselhava encaminhal-a para uma era de concordia compativel com um fecundo regimen de administração. Desde já é facil prophetisar ao governo as mais graves incompatibilidades parlamentares com as fortes minorias com que terá a defrontar-se, e tudo leva a crer que, terminada a viagem do chefe do Estado, o sr. presidente do conselho não se obstinará a governar contra o bloco que lhe facultou o poder. A inte-

- 1—O sr. conselheiro Francisco de Medeiros, ex-ministro da justiça. (Cliché de FONSECA & C.)
- 2—O sr. D. Sebastião de Vasconcellos, bispo de Beja. (Cliché de EMILIO NIEL & C.)
- 3—O sr. conego José Maria Ançã. (Cliché da phot. OLIVEIRA D'ALMEIDA)

gridade do seu caracter é a garantia do seu futuro procedimento.



4—O director do Foco d' Aveiro, sr. capitão Homem Christo, á janella do seu quarto na fortaleza de S. Julião da Barra, onde está cumprindo a pena de um mez de prisão disciplinar (Cliché de BENOJIBL)

O SUDARIO DA MADRE DE DEUS

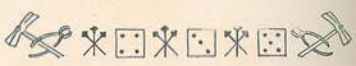


O sudario da Madre de Deus visto de frente

Os leitores da *Ilustração Portuguesa* conhecem já a historia do sudario de Turim, cuja controvertida authenticidade tão longo e curioso debate tem provocado modernamente entre os homens de sciencia. Esse lençol de incerta e nebulosa origem é, segundo a tradição, que os crentes acceitam com a mais fervorosa confiança, o proprio *sindon* ou mortalha de linho em que foi envolvido o corpo do Christo antes do enterramento. Desde o meado do seculo XIV que é como tal venerado e nem as sentenças episcopaes prohibindo a sua exposição conseguem desraizar a fé na bastante duvidosa reliquia. Aos olhos dos fiéis, as imagens gravadas n'esse velho pedaço de tecido, amarellecido pelo tempo, em parte esburacado, marcado pelo fogo,—a que teve a fortuna de escapar no incendio da capella que o guardava,—representam as duas faces do corpo de Jesus. Ninguem pôde abalar essa inocente e piedosa convicção, que, como um suave balsamo, lhes dulcifica os corações, e por isso a fama do sudario de Turim tem irradiado, durante o extenso periodo de seis seculos, por todo o mundo christão, refflorindo constantemente, atrahindo até junto da urna preciosa que o encerra interminaveis theorias de peregrinos de varias nações e linguas.

Ora, essa gloriosa reliquia, seguramente a mais prestigiosa de quantas se exhibem á devoção catholica,—em depreciadora abundancia, diga-se, aliás sem intuito desrespeitoso,—teve uma verdadeira emula, hoje obscura e esquecida, mas que disfructou igualmente a sua aura de fé e veneração, aqui em Lisboa.

Os leitores da *Ilustração Portuguesa* conhecem tambem, pela descripção que publicámos, opulentamente documentada de produções photographicas, o rico e admiravel thesouro de arte que constitue a antiga igreja da Madre de Deus, em Xabregas. Pois é lá que se conserva ainda, com o devido recato, o sudario que as religiosas do respectivo mosteiro possuam, e na quinta-feira santa de cada anno era exposto a uma multidão fervorosa, que, por terra e por mar, affluia sempre a contemplar o lençol em que Christo fôra amortalhado depois do supplicio da crucificação, porque, n'aquelle tempo de mais grosseira credulidade, depressa se formou uma lenda a garantir-lhe facilmente a authenticidade. A historia do sudario de Xabregas é, porém, mais facil de

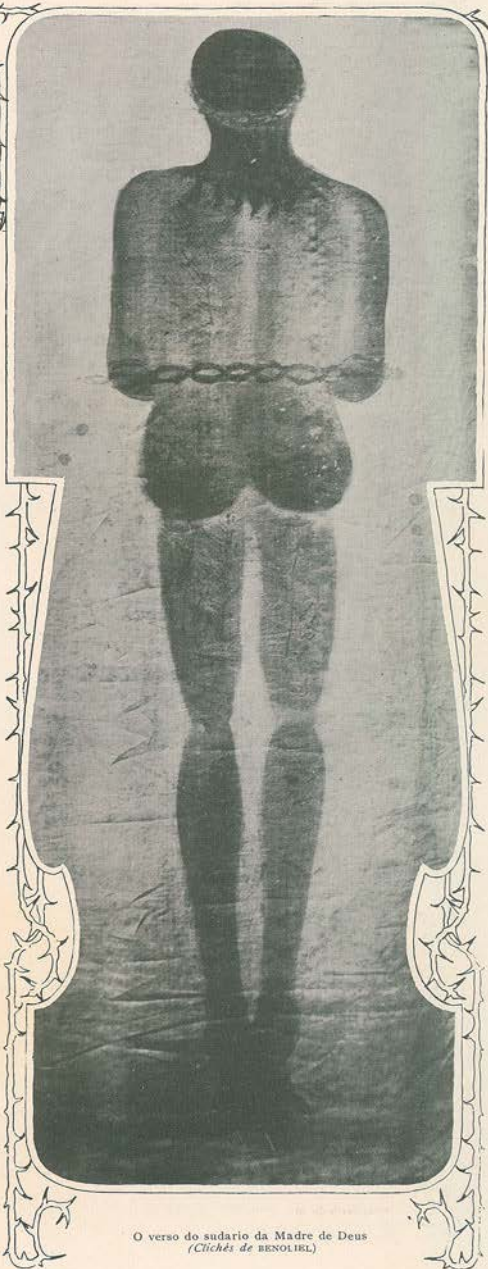


reconstruir que a de Turim, como vae vêr-se.

E' frei Jeronymo de Belem, quem, na «Chronica Seraphica da santa Provincia dos Algarves», impressa em meados do seculo XVIII, nos dá uma primeira noticia do sudario, enumerando-o entre outras coisas preciosas que existiam no mosteiro de Xabregas. Diz que elle é bordado, mas com tanta finura e requinte artistico, que parecia a todos ser antes pintado, que era uma copia do que se conservava em Turim, e que fôra offerecido pelo imperador Maximiliano I a sua prima a rainha D. Leonor. Acrescenta que era tão grande a copia de devotos que acudiam todas as quaesmas a venerar a famosa reliquia, que houvera até necessidade de construir um pulpito por fóra da igreja, para d'elle ser desenrolado o sudario por occasião do sermão do mandato na quinta-feira santa. Não ha duvida de que o lençol de Xabregas é uma imitação do de Turim, mas infiel em alguns pormenores, como por exemplo no do cruzamento dos pés. A corrente que se vê n'uma das photographias que hoje inserimos, serviu ao copista para substituir uma mancha, que no sindon da cathedral de Turim occupa a região renal. Agora, quanto á origem da reliquia, merece bem pouco credito a versão do escriptor seraphico. Damião de Goes, na «Chronica de D. Manuel», dá noticia do presente enviado por Maximiliano á mulher de D. João II, mas não faz qualquer referencia ao sudario de Christo, dizendo, pelo contrario, que elle consistiu no corpo de Santa

Anta, nada mais e nada menos que uma das onze mil virgens. E' evidente, pois, que aquella attribuição de origem, deve considerar-se ficticia, aventada adrede provavelmente para emprestar certa garantia de authenticidade ao sudario de Xabregas quando, no decurso do tempo, elle se transformou, para a crença vulgar, de uma copia, no verdadeiro original. Tal a hypothese que razoavelmente pode acceitar-se.

Hoje, o sudario de Xabregas pode dizer-se que se encontra reduzido á situação de simples curiosidade artistica, a testemunhar a pericia e a delicadeza das mãos das freiras do antigo mosteiro que porventura o bordaram, e não se desenrolam já á sua volta os grandes movimentos de fé de outr'ora. O de Turim está desembaraçado da sua concorrência. Os tempos, demais, são outros, fundamentalmente diversos. Não é já tão cega a fé, que se tornou, pelo contrario de uma evidencia sceptica á custa da experiencia de tanta artimanha, com que foi explorada. O sudario de Xabregas, é, contudo, um documento historico curioso, e a esse titulo o devizemos archivar.



O verso do sudario da Madre de Deus
(Clíchés de BENOLIEL)



• A VIVALEGRE •
OPERETA DE ALVARO CABRAL
• EM SCENA NO "AVENIDA" •



1—Alvaro Cabral, o auctor da *Vivalegre*
2—Ivonne de Carvalho (*Julietta*)

Alvaro Cabral é, entre os nossos escriptores de theatro, uma figura singular. Actor comico dos mais justamente apreciados pelo publico, a colaboração da sua graça espontanea em todas as revistas, operettas e comedias em que intervinha como interprete creou-lhe desde cedo uma reputação de homem de espirito perante as plateias de Lisboa. Os seus trocadilhos engenhosos, as suas satyras humoristicas, a sua phantasia hilarriante tinham já nos cafes e entre os amigos uma voga de celebridade. E a graça era em Alvaro Cabral um dom tão nativo, que elle a prodigalisava com essa naturalidade de quem não procura valorisal-a como um talento. Um dia os amigos lembraram-lhe o empregar por sua conta o espirito que esbanjava na obra alheia e Alvaro Cabral escreveu uma revista. O actor comico viu-se de um dia para o outro transformado n'um auctor comico. Mas não quiz abandonar a sua carreira de actor; e é assim que no *vaudeville* agora em scena com tão grande exito no *Avenida* elle é simultaneamente o auctor e um dos interpretes da sua obra.





1—Julia Paredes (Jovelina)
2—Estevão Amarante (Vivalegre)

3—Julia Mendes (Carlinda) 2.º acto
4—Isaura Ferreira (Clara)

5—Izabel Ferreira (D. Ignacia, a Previdente)
6—Santos Mel'o (alferes Farronca)
(Clichés da phot. VASQUES)

FIGURAS E FACTOS

DR. JOSÉ LOBO D'AVILA LIMA.—Depois de um curso distinctissimo, acaba de doutorar-se na faculdade de direito o illustre collaborador d'esta revista dr. José Lobo d'Avila Lima. A' solemne cerimonia da imposição do capello e borla douto-raes, em que serviu de padrinho o sr. marquez de Vallôr, presidiu o reitor da Universidade, sr. conselheiro Alexandre Cabra, orando os lentes da faculdade drs. Joaquim Pedro Martins e Caeiro da Matta. Avila Lima, que foi um dos mais distinctos alumnos da Universidade, tem apenas 24 annos. Mais não é preciso dizer para enaltecer as sues faculdades de talento e de trabalho.

LUIZ AFFONSO ESPADA.—Depois de haver visitado nas cidades no Rio de Janeiro e de S. Paulo os numerosos assignantes da «Ilustração Portugueza», segue para o

norte do Brasil o representante d'esta revista, sr. Luiz Affonso Espada, a quem tantas demonstrações de captivante estima tem prodigalizado a colonia portugueza do Brazil.



1—Dr. José Lobo d'Avila Lima (Cliché do sr. J. M. SANTOS, COIMBRA). 2—O sr. Luiz Affonso Espada (Cliché do sr. ANTONIO M. SERRA)
3—Classe de gymnastica do Real Gymnasio Club com o seu professor sr. Cesar de Mello. (Cliché da phot. BOBONE)



OS POVEIROS

tiam a mesma pancada agreste. As vendas ofereciam os mesmos pratos de pescado frito. As poveiras que passavam—exemplares bonitos de fêmeas do littoral—virginias, perfeitas, lançavam pela cabeça a saia farta e crespa de saraçoça azul. E velhinho, barbeado, o sacristão da Lapa, de opa e mitra de retroz, rogava com vozinha de creança para a *virgem protectora*.

Depois fui vêr o mar. Tinha aberto a primeira hora da tarde. Brilhava, na primeira alegria, o verde vegetal das ondas!

A essa hora toda a gente ou dormia a sua sêsta provinciana ou jogava a bisca sob o toldo das barracas da praia.

Meninas de Braga, eternas namoradeiras, com o vício hereditario dos *outeiros*, rogavam versos para um leque e fígavam a sua d'olho. O camponez minhoto, pobretão, com o prejuizo miseravel das economias, saltava os penedos de riba-mar colhendo mexilhão para a ceia domestica. Barcos de passeio, entoldados, passavam na bahia averdescada e soalhenta. E na praia infinita, á luz caustica do sol, areias infinitas luziam, quantes como arestas de diamante.

O dia, que assim aquecera, tomava um peso de trovoadá do mar.

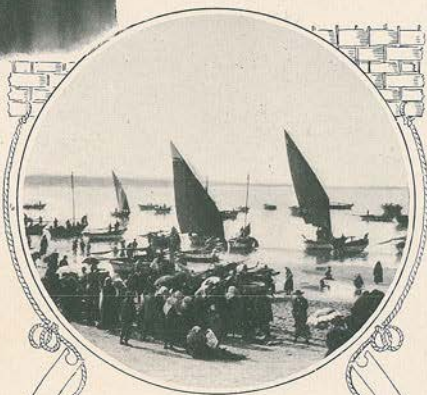
E ao fim da tarde, com o alvoroço das janelas que se descerravam, da aragem cheirosa de marezias, da multidão que corria na avenida fronteira ao oceano,—a Povoá dava, sob a meia sombra da tardinha, o mais bello dos seus aspectos, abrindo, em feeria, sobre a multidão alegre e agitada, os primeiros raios verdes do gaz!

Pouco depois começaram os concertos nos cafés da rua de S. José. E eu evoquei, ao vêr sumirem-se pelas portas cheias de luz e ru-

Eu entrei na Povoá de Varzim como havia entrado dez annos antes: isto é, cercado dos *Tambucos*, dos *Canelas*, dos *Moucos*, do *Manuel da Hora*, que me perguntavam se vinha para banhos, se precisava de banheiro.

A Povoá não havia mudado. E sendo ainda a mesma coisa era interessante curiosa.

Passando nas ruas reconheci toda a gente, e mesmo os proprios objectos. Os fumileiros ba-



1—Esperando as lanchas na ribeira
2— Typo característico da mulher poveira
3—A chegada das lanchas
(Clichés do sr. AVELINO BARROS)

môr todas as mulheres bonitas d'uma provincia, aquella outra Povia de ha vinte annos, sedentaria e economica, que garantia na rua do Ramalhão, n'uma baúca illuminada a azeite, um unico tocador de rabeça, magro, de guedelha comprida com as esmolas mesquinhas dos banhistas cautelosos. No tasco, pesado e esconso, com a luminaria amortecida, a poveirada enterrava-se na crapula do jogo e do vinho; alguns alargavam o folle do harmonium, n'uma ronqueira enfadonha, tostados da marezia e com o cachimbo ferrado nos dentes; e á porta, velhos lobos do mar, engelhados e cõr de barro, com os olhitos azues picados de somno, cabelludos e asperos no peito desnudado, mostrando do pescoço á barriga grandes rosarios de contas de osso, pareciam enfeitados da luz d'azeite, rindo curiosamente para a gente nova:

— Ah! diabos vos leve; diabo vos leve!...

As lanchas que saem d'aquella praia ás incertezas da costa são, por assim dizer, o berço e a cama de hospital d'uma tribu de gente corajosa e miseravel, que nunca teve certo o pão de cada dia nem o pleno descanso da sua camareta em bairro pobre.

Tendo muito de detestavel e muito de bom, o poveiro, especie de furêla nomada, é, n'este temeroso apego á vida que obseca os individuos de todas as classes, aquel e que positivamente não pesa o valor da sua existencia, nem as necessidades da sua gente, nem o direito social da sua tranquillidade. Religioso e immediato de acção, possui uma fê imperiosa que lhe destroe o medo natural pelas emprezas arrojadas, e um sangue impulsivo nas necessidades do seu officio, feito d'um pouco de heroismo, que prova a caracteristica do seu activo



Um velho pescador poveiro; 70 annos de coragem e miseria
(Clichê do sr. AVELINO BARROS)



e as suas generosidades pelo perigo da existência alheia.

Como um grande museu animado, a ribeira que se estende desde o paredão ao longinquo templo da Lapa abre e exhibe, desde as siglas geometricas que distinguem, collocadas á ré e ao capelo, a propriedade de cada embarcação, á armação engenhosa das lanchas, todo o afazer habil e *systematicamente* religioso d'essa colonia arribada um dia, no accaso d'uma vida errante, á quella praia agitada, com o burgo então abrigado no campo e de quem a legenda remota resa que «de varzea teve a origem.»

O arranjo complicado das suas rédes, fiadas e fabricadas do linho *ticum*, guarneci-

das do sarilho engraçado das suas *râscas* e calhaus, que os *entrálhos* ajustam, e que apresentam um variado tecido para cada uma das especies de pescarias; a divisão do producto colhido por cada *companha*, com dois quinhões para o patrão da lancha e um outro hypothecado á *rede de beber*; o negocio realizado entre a *parceira* capitalista, que empresta, e o pescador des-

provido que toma, a um juro

exorbitante, o necessario para levar aos dezeseite annos os *dois carteis* regulamentados; o costume delicado de ser das redes que o noivo leva ao mar que se extrae o necessario para os *banhos*, enxoval e mais despezas de cada matrimonio — tudo isso me dizia, em verdade, que o poveiro era um homem singular de temperamento e costumes, se elle não fosse, já, um typo local devêras interessante.

Eu vi-o no pontilhão empedrado da ribeira, velho ou novo fumando sempre o seu tabaco forte, vestindo o panno azul ou castanho da serração serrana, de barba marginando o modelo bronzeo da face, e voltando os olhos pequenos

para a linha maritima do sul. Vi-o, no quintal agregado a todas as casas dos bairros poveiros, *encascando* as redes, apparelhando a *cesta*, preparando os *cambitos* do peixe a secar, amontoando o *sargaço* para a feitura agricola dos arredores. A mulher era forte



e ordinaria de lingua, desnudada nas pernas pelas saias que se enfolavam na cintura



1—A madrugada na ribeira (Cliché do sr. J. AZEVEDO)
 2—Ensaaiando...
 3—O mercado da sardinha.
 4—O mar da Povoa (Clichés do sr. AVELINO BARROS)

estreita, e d'um esmaltes d'olhos e de faces que em muitos exemplares parecia perfeito. Elle, desmazelado, com a faixa cahida para as pernas, a boina invariavelmente cahida para uma das orelhas, os pés descalços, abrigado n'uma successão de cami-

Elle é mesquinho e egoista no miudo dos seus ganhos para as necessidades caseiras. E o seu impulso não tem medida, nem uma só especie: recebe e logo desdenha; é servical de todos e revolta-se contra todos os que a sorte isentou da sua vida atribulada.

Tem uma chaga de con-



solas, blusas e casaços. Mas o seu olhar imperava. Facilmente se comprehende n'esse homem robusto a creatura capaz d'um affago a uma creança e da soltura de todo o corpo e toda a vida á salvação d'um estranho.

dição genetica, que lhe traz a fome e a morte, a mizeria e a obscuridade; e para a qual mal vê, com violenta revolta, que os alheios se curvem.

O poveiro é, n'estas circunstancias sociaes, um completo symbolo



1—Condução da cesta para a pesca da noite
2—Aspecto de uma rua do bairro poveiro
(Clichés do sr. AVELINO BARROS)



Arribação de um barco para o areal—(Cliché do sr. AVELINO BARROS)

de coragem, nunca retribuída; de curiosidade ethnica e de miseria insuperavel...

Ao fim da tarde, na linha da costa, voltam as lanchas que de madrugada haviam partido para a «caça do peixe». Pannos brancos de vela, n'uma serenidade de carreira que parece contente, desfilam ao longe sobre a linha d'agua luminosa. E farrapos de nuvens brancas, quiéttas no céu lizo e de esmalte azulado, como que esperam a triste nova da noite, já prometida do sol que declina.

A distancia, sobre o planalto do paredão e na ribeira, desenham-se as silhuetas do povo que espera, agglomerado, as *lotas* de cada marítimo, depois marcadas e feitradas sobre a areia fina da praia.

As lanchas entram de véla enrolada, com um movimento tumultuoso a bordo, e de capelo voltado ás incertezas do oceano.

Quando o pescador volsa pelas canastras de verga, ainda as *siglas* interferem na divisão e mar.



A caminho do mar

ca do producto marítimo; ouve-se a indicação, em voz baixa, da marca inherente a cada homem da *companha*:

—Marca ao rabo; cruz á bocca; pique á barbatana; dois côrtes á beira...

Uma infinidade de marcas!

Depois (como na ultima tarde que vivi n'essa terra engraçada) um sem numero de mulheres e creanças passam pelas ruas de abre-mar vergando ao peso das redes negras que se debruam no massiço de *rascas* e calhaus. As saias de saragoça baloçam na inquietação das ancas a um rythmo certo. As cargas de rédes succedem-se, divididas nos grupos familiares da lotação de cada lancha.

Nunca me esquecerei d'esse admiravel pôr do sol! Fronteiras á barra, uma enseada de rochas que entravam no oceano recortavam-se na côr verde do horizonte, escuras e atropeladas. Por cima, na inclinação da barra, uma nuvem negra e longa como uma aza de corvo, feita d'um velludo amoroso, cobria uma parte da face rubra do sol. As aguas, áquem das rochas, tingiam-se d'uma côr triste de cinza. E na passividade do oceano ainda lanchas, de grandes velas descerradas, vinham recolhendo ao seu poizido da praia...

O comboio que me levava era o mesmo traste arrastado da chegada. Cortava, áquella hora, entre o mar e o campo. As aguas do rio Ave passavam sob o plano da ponte, e de face ao mosteiro velho de Santa Clara de Villa do Conde; ao longe, para o poente, cerrava a esteira quieta do oceano; feiras de casas terreas, em pequenos bairros de pescadores, dispunham-se, ainda, pela borda de agua; e para traz, sob o lume das primeiras estrelas, o aqueducto das freiras claristas desdobrava a longa serie dos seus arcos em ogiva.

Em Mindelo subiram para o compartimento duas maiatas roliças, côr de maçá de espelho, que eram como a visita de cumprimentos das fartas terras aradas que ainda ia correr. Mas a cada hora, vindo do mar e correndo ao carinhoso agasalho do campo, nem

mesmo diante d'essas duas mulheres alegres me esquecia a tribu corajosa e rude que havia deixado...

ALFREDO GUIMARÃES.



FIGURAS E FACTOS

ANTONIO MANUEL (*Cliché de Arnaldo Fonseca*)—Na madrugada de 24 de outubro, victimado por uma peritonite, sem que pudessem valer-lhe a sciencia e a dedicação dos medicos, falleceu o secretario da empresa do theatro D. Amelia. Nem todos os dias morrem creaturas da rara bondade de Antonio Manuel. Por isso tambem o acompanharam até á ultima morada, commovidos e tristes, centenaes de amigos, a quem elle dava, pela primeira vez—e pela derradeira!—um motivo de tristeza e de desgosto. Tendo regressado, havia dias, de Paris, com o sr. visconde de S. Luiz Braga, de quem elle era mais do que o secretario dedicado, o amigo insubstituivel, ninguem podia prever que a morte andasse já espreitando a sua alegria. Mas bem certo é que nem do proprio riso tem medo a morte, e que ella, com a mesma solicitude impiedosa, o mesmo zelo inflexivel, vem procurar entre os desventurados e os felizes, entre os bons e os maus, indifferentemente, a sua funebre presa.

Antonio Manuel conservou até aos ultimos dias da vida essa jovialidade que tao bem se harmonisava com a generosa bondade do seu caracter. Ninguem melhor do que elle soube ser alegre. Nunca ninguem lhe conheceu um inimigo. Elle era a incarnação da bonhomia. Filho de uma illustre familia de Mirandella, soube adaptar as suas qualidades de educação ás exigencias complexas do seu cargo e revestir com esse aspecto brincalhão, que todos lhe conhecemos, a rectidão de um puritano.

Antonio Manuel parecia empenhado em desvalorisar todas as suas nobres acções com a sorridente bonhomia com que lhes attenuava a significação. Dir-se-hia que tinha pudor em deixar entrever a gravidade integra do seu caracter, esforçando-se por dar aos outros a impressão de que a sua bondade era, como a de uma creança, inconsciente!

A *Ilustração Portuguesa* aqui deixa consignado o seu preto de saudade ao amigo que perdeu e cuja falta com tão sincera amargura hoje lastima. Ha mortes que o esquecimento não attige. Antonio Manuel continuará vivendo nas saudades de quantos o estimaram e conheceram.



PRINCE DE ITO. — Na estação de Kharbine, na Mandchuria, quando passava revista com o ministro da fazenda russo Ko kovzoff á guarda de honra formada no caes, foi assassinado no dia 26 de outubro, a tiros de revolver, por um coreano, o principe de Ito, residente geral japonês na Corêa. O principe de Ito era a maior individualidade politica do Japão. Interrogado, o assassino declarou que pretendia vingar a oppressão soffrida pela sua patria e a morte de parentes mandados executar pelo assassinado.

O BAPTISADO DE UM FILHO DE LITTLE WALTER

No dia 28, na igreja de S. Luiz, rei de França, effectou-se o baptisado de uma filha de *Little Walter*, nascida em Lisboa, a 10 de outubro, servindo de padrinho o *clown* Tonitoff e assistindo á cerimonia todos os artistas da companhia do Colyseu dos Recreios. A cerimonia foi concorridissima. A pequenina Carlota



— Os paes e os padrinhos de Carlota Antonia.

2—A assignatura do termo de baptisado em S. Luiz.

3—Toda a companhia do Colyseu depois do baptisado.

(Clichés de BENOJEL.)

Antonia—um lindo nome para um car-taz!—teve uma encheite logo da primeira vez que appareceu em publico. A *Illustração Portugueza* faz votos porque todas as boas fadas tenham sido prodigas de concessões á futura artista.



Madame



O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e physionomista da Europa

Brouillard

DIZ o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez. É incomparavel em vaticinios. Pelo estudo que fez das sciencias, chromancias, chronologia e physiologia e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambroze, d'Arpenligny, Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta cathgoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Falta portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol.

Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete:

18, RUA DO CARMO, 43, sobre-loja — LISBOA

Consultas a 1.000 rs., 2.500 rs. e 5.000 rs.



GRATIS 125 machinas tallantes

De accordo com o fabricante resolvemos distribuir durante o corrente mez absolutamente GRATIS estas magnificas machinas modelos de 1909. Remettem-se catalogos e condições a quem enviar uma estampilha de 25 réis a CASA SIMPLEX BICYCLETES DISCOS E MACHINAS FALANTES.

J. CASTELLO BRANCO
Rua do Soccorro, 48
R. de Santo Antão, 32 e 34 LISBOA

DISPONIVEL

DISPONIVEL

A SEDA SUISSA

É A MELHOR!

Vendem as amostras das nossas novidades em preto, branco ou côr, Eolienne, Cachemire, Shanghai, Duchesse, Crêpe de Chine, Gôfete, Messaline, Mousseline, largura 120 cm. a partir de fr. 1,25 o metro, para vestidos, bluses, etc., assim como as bluses e vestidos bordados em baptiste, lã, lã e seda.

Vendemos as nossas sedas garantidas solidas directamente aos consumidores e francas de porte a domicilio.

Schweizer & C.^o

Lucerne E. 12. (Suisse)

Exportação de Sedas Fornecedor da Côrte Real

Companhia do Papel do Prado

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

ria e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louza), Valle Maior (Abergeria-a-Velha). Installadas para uma produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. Escriprios e depositos:

LISBOA—270, Rua da Princeza, 270

PORTO—49, Rua de Passos Manuel, 51

Endereços telegraphicos: Lisboa, Companhia Prado — Porto, Prado

Numero telephonic: Lisboa, 605 — Porto, 117

— CAPITAL —

Accões	360.000\$000
Obrigações	323.910\$000
Fundos de reserva e de amortisação	265.400\$000
Réis	950.310\$000

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Mariana e Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louza), Valle Maior (Abergeria-a-Velha). Installadas para uma produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos machinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes. Escriprios e depositos:

HEMORRHOIDAS

CURAM-SE COM OS

SUPPOSITOIOS

ADRENO-STYPTICOS
MIDY

DISPONIVEL

EM 20 DIAS CURA RADICAL e INFALLIVEL

ANEMIA CÔRES PALLIDAS
CHLOROSE, CONVALESCENÇA PELO

Elixir de S. Vicente de Paula

Em todas as Pharmacias ou no DEPOSITO GENRAL. CURIEL & DELIGANT, Rua dos Sapateiros 15, 1.^o LISBOA 1300 reis o frasco franco porte em todo Portugal. PPTOILLE, Paris, 2, Faub^e S^t-Denis, PARIS

PRINCIA

NOUVEAU PARFUM VIOLET

29, B^l des Italiens, Paris

PHAROL DOS REIS
 PORQUE É O
REI DOS PHAROES

OS MELHORES PHAROES SÃO:

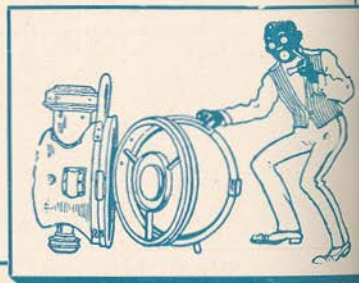
B. R. C. Alpha

Rodrigues Gauthier & C.^a

67, B^o DE CHARONNE—PARIS

Representantes em Milão **BLANC FRÈRES**

17, VIA ARICSTO



CONCURSO DE 1909

28 prémios
 EM INSCRIÇÕES

SENDO UM DE
5:000\$000 réis

500 prémios em dinheiro

4:000 PREMIOS REPRESENTADOS
 POR OBJECTOS
 DA MAIOR UTILIDADE PARA TODA
 A GENTE

Aviso importante aos concorrentes do Brazil e colonias portuguezas.—Os

concorrentes do ultramar e Brazil devem remetter as suas cadernetas de fôrma a darem entrada na administração do *Seculo* de 1 a 13 de dezembro. Para isso é-lhes facultado o direito de poderem enviar as respectivas cadernetas, contendo apenas os coupons correspondentes aos jornaes publicados desde o inicio do concurso até a data dos ultimos jornaes recebidos.

Sorteio em 20
 de dezembro

